

## METÁFORA: UMA PONTE ENTRE A POESIA E A FILOSOFIA

Adenaide Amorim Lima<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este estudo se insere na discussão sobre a relação entre filosofia e poesia e têm dois objetivos principais: defender que, ao contrário do que sustentam alguns autores, o distanciamento entre filosofia e poesia não teve início com Platão com o seu livro *A república*, mas sim com o processo natural de desenvolvimento da linguagem; defender que a filosofia e a poesia não se distanciaram totalmente, uma vez que a metáfora é o elo último de um tempo em que ambas constituíam uma unidade.

**Palavras-chave:** Filosofia. Poesia. Metáforas. Linguagem.

**ABSTRACT:** This study is part of the discussion about the relationship between philosophy and poetry and has two main objectives: to defend that, contrary to what some authors maintain, the distance between philosophy and poetry did not start with Plato, in his book *The Republic*, but with the natural process of language development; to defend that philosophy and poetry did not distance themselves totally, since the metaphor is the ultimate link of a time when both constituted a unity.

**Keywords:** Philosophy. Poetry. Metaphors. Language.

### INTRODUÇÃO

Este texto procura defender a seguinte tese: entre a poesia e a filosofia não houve um rompimento total com o processo de abstração desta última. É com o argumento a favor dessa tese que a metáfora pode ser considerada um resquício, uma singela e velha ponte que ainda consegue fazer a ligação entre ambas às “realidades” da criação verbal. A presença de metáforas nos textos filosóficos, depois de tanto tempo da suposta separação, indica que a metáfora é semelhante ao DNA na genética da filosofia, ela tem a função de presentificar à lembrança de um passado longínquo em que ambas estiveram interligadas, esta função revela que nunca uma conseguirá se desprender totalmente da outra.

Como parte constitutiva e originária da linguagem humana, o uso de metáforas não é exclusivo nem da poesia e nem da filosofia. A metáfora está presente também no mito, na religiosidade e em nosso cotidiano. Mas é a relação entre poesia e filosofia, intermediada

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UESB). Pedagoga. E-mail: [adenaideamorim@hotmail.com](mailto:adenaideamorim@hotmail.com)

pela metáfora, que nos interessa discutir neste texto. Por poesia entendemos aquele gênero discursivo a partir do qual surgiu a filosofia, mas que, à medida que esta última se desenvolvia à luz da razão, e a poesia se mantinha no limite da inspiração poética, as duas se distanciavam. Poesia e filosofia, na singela expressão de Zambrano, podem ser caracterizadas como duas metades do homem.

Mas este afastamento não ocorreu por completo. A metáfora seja ela de que dimensão, densidade, função ou critério for, para o seu uso, de um modo ou de outro, sempre se faz presente nos textos filosóficos e, justamente por não conseguir se livrar totalmente da linguagem metafórica, a metáfora pode ser considerada uma ponte que faz a ligação entre poesia e filosofia. Ao compreendermos a metáfora como ponte entendemos que ela tem o poder ligar e de fazer comunicar dimensões que estão intrinsicamente ligadas ao interior do ser humano, mas separadas, externamente, por modos diferentes de compreender e atuar no mundo. A ponte possui uma outra finalidade importante, ao mesmo tempo que ela é trânsito, ela impede que a filosofia invada território da poesia e que a poesia invada o espaço da filosofia, pois no ato de criar e filosofar, praticamente, o inevitável é ir de um ao outro. A ponte, portanto, estabelece o encontro, mas também indica os limites. O interessante é que mesmo que saibamos que muitos filósofos contemporâneos se aproximaram muito da poesia como Sartre, Heidegger, Paul Ricoeur, por exemplo, e que também ao contrário, muitos poetas como Fernando Pessoa, Paul Valéry, Mallarmé se aproximaram muito da filosofia, os filósofos não deixam de ser filósofos e o mesmo não aconteceu aos poetas. Benedito Nunes pode ter razão em sua reflexão quando ele diz que os grandes poetas são metafísicos fracassados, enquanto que os grandes filósofos são poetas que creem na realidade de seus poemas. O intercâmbio entre eles acontece quando o ceticismo dos poetas podem estimular os filósofos, e ao estimulá-los aprendem com eles e isso acontece quando observamos a arte das grandes metáforas, ao longo de tempo.

## **O SURGIMENTO DA LINGUAGEM COMO POESIA**

No começo era os gestos, depois a imagem. A imagem, como revela os estudos antropológicos, uma das primeiras formas de comunicação entre os seres humanos. As

cavernas, em diferentes continentes do planeta Terra, ao guardarem as variedades de pinturas rupestres, atestam esse fato. Tudo leva a crer que essa linguagem imagética foi utilizada pelo homem para “falar” de coisas à sua volta, de coisas externas a ele. Foi um passo importante ir além da linguagem gestual e demonstrativa, capaz de comunicar aos outros uma necessidade. E quando o homem teria começado a falar de si, daquilo que ele sentia e do que ele pensava do seu semelhante? Conforme Rousseau em seu texto *Ensaio sobre a origem das línguas*, a comunicação inicial entre os homens se deu, primariamente, de duas formas: através da ação, em decorrências das necessidades de sobrevivência e oralmente, em decorrências das nossas paixões, nossos sentimentos. A fala surgiu como uma necessidade de comunicar algo que não poderia ser mostrado em gesto ou imagem, quando sentimos a necessidade de comunicar aos outros aquilo que estava em nosso interior.

A primeira forma de comunicação, a ação, teria tido como resultado o distanciamento entre os homens, concomitantemente, provocando a sua dispersão rumo aos diferentes pontos do planeta, o que teria sido responsável pela formação de diferentes povos e tribos. A segunda forma de comunicação, a linguagem oral, poderia ter surgido da necessidade humana de aproximação de uns com os outros, o que possibilitou a externalização das suas paixões e, ao mesmo tempo, a compreensão das paixões alheias. Essa linguagem oral primária Rousseau denomina de poesia e a caracteriza como sendo substancialmente imagética, metafórica, ela precede o surgimento da linguagem racionalista e formalista que surgiu muito tempo depois. Nessa hipótese de uma precedência da imagem metafórica sobre o conceito, a compreensão antropológica de Rousseau coloca o sentimento como uma faculdade primitiva e a razão como algo que lhe é acrescido. Uma vez que deve ter sido assim, o homem primeiramente: “Não [...] começou a raciocinar, mas por sentir” (ROUSSEAU, 2008, p. 103).

Ao falar das línguas mais antigas da humanidade, Rousseau salienta que elas são extraídas dos sentidos, uma vez que é através dos sentidos que o homem pode agir sobre o outro. A origem natural das línguas, nas palavras de Rousseau, “[...] nada tem de metódico e de raciocinado; são vivas e figuradas. Apresentam-nos a linguagem dos primeiros homens como línguas de geômetras e veremos que foram línguas de poetas” (2008, p. 103). Seria por essa razão que há a necessidade “dos sinais sensíveis para expressar o

pensamento. Os inventores da linguagem não fizeram tal raciocínio, mas o instinto sugeriu-lhes a consequência” (ROUSSEAU, 2008, p. 98). Somos apaixonadamente levados ao interior do outro se formos tomados mais pelos olhos do que pelos ouvidos. Mesmo que fechemos os nossos olhos físicos, os olhos da imaginação continuam ativos e abertos: “Abri a história antiga; encontrá-la-eis repleta destas maneiras de argumentar para os olhos, e elas nunca deixam de produzir um efeito mais seguro do que todos os discursos que poderiam colocar em seu lugar” (ROUSSEAU, 2008, p. 99). “Vê-se que os discursos mais eloquentes são os que introduzem o maior número de imagens” (ROUSSEAU, 2008, p. 99).

Foi com essa linguagem repleta de figuras, de metafóricas e de paixão que se disseminou e circulou entre os diferentes povos originários, por meio da oralidade, os mitos, os ritos, as poesias homéricas, em outros termos, a alma de toda uma ancestralidade que conduzia o modo de ser e de atuar no mundo de um povo em seu tempo. A filosofia surgiu como rebento mais sutil e refinado dessa linguagem poética imemorial. Mária Zambrano ratifica dizendo que: “[...] a Filosofia mais pura desenvolve-se no espaço traçado por uma metáfora, a da visão e da luz inteligível” (2000, p. 19) e junto com essa luz o pensar raciocinado, claro e evidente. Corroborando com o pensamento de Mária Zambrano, Rousseau revela que:

Como os primeiros motivos que fizeram falar o homem foram paixões, suas primeiras expressões foram tropos. A linguagem figurada foi a primeira a nascer, o sentido próprio foi o último a ser encontrado. [...] A princípio, falou-se somente em poesia; só se começou a raciocinar muito tempo depois (ROUSSEAU, 2008, p. 98).

Nascia assim a filosofia ainda como um pensamento misterioso, muito antes de se consolidar como “conceitual” e “racional”. Mas no princípio essa filosofia estava intrinsecamente interligada com o mito e a religiosidade, cujo conteúdo se expressava como poesia, deixou o seu registro nos fragmentos de alguns pensadores “pré-socráticos”, sobremaneira no poema de Parmênides e nos fragmentos de Heráclito. Nesse contexto as metáforas eram vivas e atuantes e imprimiam o ânimo de um povo, moldando as suas vidas.

## A LINGUAGEM E O DISTANCIAMENTO ENTRE A FILOSOFIA E A POESIA

Com o passar do tempo, a filosofia e a poesia, aos poucos, foram se distanciando. Ao contrário do que dizem a grande maioria dos que se dedicam a esse tema, esse distanciamento não teve como origem única e exclusiva a expulsão dos poetas da cidade, realizada por Platão em sua *República*. Essa ruptura, conforme afirmamos acima, mesmo que brevemente, teve início com o desenvolvimento da linguagem, quando ela alcançou o nível mais alto de racionalização e abstração, deixando de fora dessa linguagem os sentidos.

Foi o desenvolvimento desta linguagem mais abstrata que deu à filosofia – por meio do questionamento “O que é isto?” – a possibilidade de discutir temas para além da expressão e das necessidades imediatas do homem, sejam elas internas ou externas, ao ponto de torna-las universais. A discussão metafísica, apenas para citar um exemplo clássico, busca definir *o ser*, mesmo sabendo que é impossível obter uma resposta plena através das palavras. Com as discussões metafísicas, teve início o processo de ruptura entre poesia e filosofia. Teve início também o predomínio da racionalidade na orientação da vida, no qual o sentir é substituído pelo pensar e a essência passa a preceder a existência. *O ser*, antes de existir no mundo, já deveria ser passível de definição por meio de algum conceito. Essa forma de pensar, no interior da história das ideias, predominou até a modernidade, somente a partir desse momento muitos filósofos começaram a questionar e a romper com a essa metafísica tradicional, argumentando que sobre *o ser* já se tinha dito tudo o que havia para se dizer. Pascal, por exemplo, irá chamar à atenção para o limite das palavras na definição do *ser*, e que, portanto, *o ser* seria algo indefinível. Pascal em conversa com o Senhor de Sacy argumenta esse caráter indefinível do *ser*:

Ademais, quem sabe o que é a verdade, e como se pode afirmar possuí-la sem a conhecer? Quem sabe mesmo o que é o *ser*, que é impossível de definir, pois não há nada mais geral e que exigiria, para explicá-lo, se servir de antemão dessa mesma palavra dizendo: “É etc...”? (PASCAL, 2014, p. 65-66).

Toda definição, como lhe é própria, deve definir, visar à essência daquilo que tem em vista. *O ser* é indefinível, pois a sua essência se confunde com a essência da própria

linguagem que pretende defini-lo. Do *ser* se poderia apenas afirmar que ele “é”, sem mais, sem acréscimo de qualquer outra palavra, pois todo e qualquer acréscimo tende a reduzir o *ser* a algo (a ente) e ou revelar apenas uma das suas facetas, encobrando aquilo que inicialmente a pergunta filosófica visa: afirmar a essência de algo, através da pergunta, “O que é isto?”. Essa dificuldade no ato de definir essências tão sutis e metafísicas divide a opinião de alguns pensadores contemporâneos. Friedrich Nietzsche, por exemplo, afirma que não vale mais a pena à filosofia se dedicar a questão sobre a essência do *ser*. Para ele, ao longo da história da filosofia o problema do *ser* se transformou em um vapor, em uma fumaça e se dissipou, não chegando de fato a lugar algum:

A *outra* idiossincrasia dos filósofos não é menos perigosa: ela consiste em confundir o último como o primeiro. Põe no começo, *como* começo, o que vem no final – infelizmente, pois não deveria jamais vir! –, os “conceitos supremos”, isto é, os conceitos mais gerais, mais vazios, a última fumaça da realidade que se evapora. Novamente, isto é apenas expressão de seu modo de venerar: o superior não é *lícito* provir do inferior; não é *lícito* provir de nada... (NIETZSCHE, 2007, III, § 4, p. 53, grifos do autor<sup>2</sup>).

Essa idiossincrasia, própria da tematização filosófica da metafísica, encontra-se lá por que está presente na linguagem. Essa mútua pertença entre metafísica e gramática é tão idiossincrática que o próprio Nietzsche reconhece, um pouco mais adiante, no mesmo texto, que a nossa crença nela é uma forma de não superação do *ser* da metafísica clássica, ou seja, superação de Deus:

A linguagem pertence, por sua origem, à época da mais rudimentar forma de psicologia: penetramos um âmbito de cru fetichismo, ao trazermos à consciência os pressupostos básicos da metafísica da linguagem, isto é, da *razão*. [...]. Receio que não nos livraremos de Deus, pois ainda cremos na gramática (NIETZSCHE, 2006, III, § 5, p. 28, grifos do autor)

Toda essa discussão moderna e contemporânea, cujo núcleo é tanto a metafísica como a linguagem, tem origem em uma suspeita muito evidente: a suspeita de que o

---

<sup>2</sup> Para esta citação específica recorreremos à tradução Andrés Sánchez Pascual, pois, infelizmente, a tradução do Paulo César de Souza, não trás o trecho “... a última fumaça da realidade que se evapora”, texto importante e que ficou conhecido a partir de sua referência por Heidegger, em seu clássico estudo sobre Nietzsche (Cf. HEIDEGGER, 2014, p. 628).

conceito não consegue exprimir a verdade do que existe e, por isso, tenta igualar o não igual, ou seja, igualar aquilo que não pode ser medido, que não tem medida:

O conceito não dá conta da verdade do existente de dois modos: em primeiro lugar, na medida em que fixa, quando de fato se processa o acontecer sem cessar; em segundo lugar, na medida em que subsume casos claramente desiguais como iguais. O conceito surge, antes de mais nada, por meio da igualação do não-igual (MÜLLER-LAUTER, 2011, p. 54).

É nesse contexto de discussão que Heidegger considera que a questão do *ser* é a questão mais importante da filosofia e na qual ela se sustenta. O que Heidegger questiona é justamente o porquê do esquecimento do *ser* pela tradição filosófica. Segundo ele, o equívoco se deve ao fato de que questão do *ser* está mal formulada, uma vez que pergunta sobre sua quiddidade, pela sua essência, isso desde os seus primórdios lá na Grécia antiga quando Sócrates iniciou a filosofia com a pergunta: “O que é isto?” e através dessa pergunta iniciou a longa tradição metafísica. Essa tradição de pensamento compreendeu o *ser* como algo que deveria preceder a existência, algo como uma a potência que precede o ato ou parte da divindade.

Portanto, afastemo-nos do esquema vazio dessa palavra “ser”! Todavia, para onde ir? A resposta não pode ser difícil. No máximo só poderemos estranhar termo-nos detido, por tanto tempo em tantos pormenores, a palavra ‘ser’! Afastemo-nos, pois, dessa palavra vazia e universal e atenhamo-nos às singularidades dos domínios particulares do ente em si mesmo (HEIDEGGER, 1999, p. 104).

De acordo com Heidegger, ao perguntar sobre “o que é isto?”, a filosofia dá uma abordagem metafísica à própria questão. Consequentemente, ao tentar responder sobre o *ser* a partir da questão “o que é o *ser*” ou “qual é a essência do *ser*” a filosofia acaba respondendo de modo a esquecer daquilo que é próprio ao *ser*. Ao identificar essa “falha” na tradição filosófica, Heidegger não perguntará sobre a essência do *ser*, ele desconstrói a metafísica, indo à raiz do conceito ao perguntar como o *ser* se manifesta enquanto sentido. Uma vez que para Heidegger é o homem o pastor do *ser*. Mesmo a partir desse movimento inovador no interior da filosofia, algo da metáfora se perdeu para sempre no tempo e não pode mais ser recuperado. Ela não é mais “uma forma imprecisa de pensamento [...] [que]

desempenhou na cultura uma função de definir uma realidade inabarcável pela razão, mas propícia a ser captada de outro modo [...] a sobrevivência de algo anterior ao pensamento, pegada num tempo sagrado” (ZAMBRANO, 2000, p. 19). A ruptura com essa metáfora, com a poesia pura não se deu somente na filosofia. Essa ruptura teve início na própria vida e, conseqüentemente, atingiu a filosofia e tudo o mais que inevitavelmente é banhado pela linguagem. A poesia, no seu processo natural de desenvolvimento, criou e continuando criando metáforas, para expressar aquilo que não é possível, de outro modo, tornar visível aos olhos humanos:

A poesia, [...] fabricou maior número de metáforas que nunca, mas não parece que entre elas se tenha destacado alguma com força suficiente para selar a vida informe dos homens. E estas metáforas a que nos referimos não são os felizes achados da poesia ou da literatura, mas uma dessas revelações que estão na base de uma cultura, que a representam. Maneira de apresentação de uma realidade que não pode fazê-lo de modo directo; presença do que não pode exprimir-se directamente, nem alcançar com o inefável, uma forma em que certas realidades podem tornar-se visíveis aos torpes olhos humanos (ZAMBRANO, 2000, p. 19).

Mas o desenvolvimento da língua passou a dar a cada coisa existente no mundo um significado próprio. A partir de então, todo modo de ver e atuar no mundo foi sendo fragmentando e desmembrando. Assim, o que antes tinha um sentido emaranhado com outras coisas e/ou era representado através de uma imagem misteriosa, de viva expressão foi excessivamente iluminada e recortada do todo. A evolução, o aperfeiçoamento da língua, por sua necessidade de substituir os sentidos, torna-se mais clara, no entanto, mais fria a vida. Segundo Rousseau:

À medida que crescem as necessidades, que os negócios se complicam, que as luzes se estendem, a linguagem muda de caráter, torna-se mais apropriada e menos apaixonada, substitui as ideias aos sentimentos, não fala mais ao coração, mas à razão. Por isso mesmo o acento desaparece, a articulação estende-se, a língua torna-se mais exata, mais clara, porém mais arrastada, mais surda e mais fria (ROUSSEAU, 2008, p. 111).

Metaforicamente e não conceitualmente, “O amor, dizem, foi o inventor do desenho” (ROUSSEAU, 2008, p. 98). Com o progresso da língua, a metáfora, visão do coração, foi sendo esquecida com o desenvolvimento das línguas e, conseqüentemente,

com o processo de escrita. Essa metáfora originária que “[...] refere-se a uma certa forma de vida e conhecimento. [...] Trata-se de uma metáfora em que a luz desempenha um papel importante, a luz e a visão, mas referidas a outro órgão diferente do pensamento, e esse esquecido, relegado ao folclore: o coração” (ZAMBRANO, 2000, p. 20). Com o desenvolvimento e organização da vida cotidiana, em várias frentes, houve a necessidade de padronizar os significados, de tornar essa linguagem mais ampla e universalizada.

Ao escrever, somos obrigados a tomar todas as palavras na acepção comum, porém aquele que fala varia as acepções através dos tons, determina-o como deseja; menos obrigado a ser claro, confere maior importância à força e não é possível que uma língua que se escreve conserve por muito tempo a vivacidade daquela que é somente falada (ROUSSEAU, 2008, p. 116).

Esse processo de formalização das línguas, com todas as suas regras gramaticais, afetou o modo como nós utilizamos as metáforas. É possível agora classificá-las, nomeá-las. De uma coisa podemos ter certeza, a metáfora faz parte de nossa linguagem escrita e falada, mas ela não possui mais àquela característica originária dos primeiros tempos, assim também não faz parte da filosofia como fazia nos primeiros momentos do seu nascimento. Ainda assim existem ideias originárias que não cabem em uma linguagem coloquial e abstrata na filosofia, havendo a necessidade recorrente das metáforas e uma aproximação com a poesia.

## **A METÁFORA E A PROXIMIDADE ENTRE A POESIA E A FILOSOFIA**

A metáfora é parte constitutiva da nossa linguagem, volta e meia ela se faz presente para nos lembrar do nosso modo de comunicar originário. Mas é na poesia e, um pouco menos, na filosofia que a metáfora é responsável por externar aquilo de que temos mais vivo e sublime em nós. Aquilo que não pode ser expresso nos limites das regras gramaticais, em abstrações ou formalidades, é expresso pela metáfora. Quando a alma quer se abrir à outra ela se utiliza das imagens que são as expressões mais vivas e profundas, capazes de abrir janelas onde é possível, aqui do mundo exterior, perceber o que se passa no mundo interior da alma. Mas nem sempre, na filosofia, a metáfora possui esse caráter originário, de uma criação interconectada com o todo e com as coisas do

coração. Apesar disso a metáfora está na filosofia e nela se revela uma ponte, mesmo que muito fina e delicada, ela consegue ligar a filosofia à poesia, trazendo a referência de um tempo em que ambas estavam interligadas por um modo comum de perceber o mundo. Hoje, poesia e filosofia são áreas distintas, no entanto é importante nos questionarmos: como a filosofia tem se relacionado com a metáfora? Qual é o lugar que a metáfora ocupa na reflexão filosófica?

Uma vez que as metáforas não são mais formas imprecisas de pensamento, exceto quando percebemos essa imprecisão na linguagem das crianças muito pequenas ou nos loucos, cuja compreensão do mundo não consegue ser definida somente pelo uso da língua, as metáforas hoje são consideradas “[...] uma forma de raciocínio indispensável a todo pensamento criador” (LIMA, 2011, p. 193); ela “[...] é percebida como uma representação, por todas as ideias, e assim categorizada pela linguística como uma Figura de linguagem” (CARDOSO, 2016, p. 10). Na filosofia, dentre tantas, podemos descrever duas posições distintas quanto ao uso da metáfora, alguns desacreditam o seu uso ao afirmarem que “[...] ela serve somente para enfeitar o texto, para orná-lo a fim de facilitar a compreensão ou aumentar o poder de persuasão” (COSSUTTA, 2001, p. 99). Estes entendem que o pensamento possui vida própria e é superior e independente de qualquer metáfora, uma vez que libertou-se da vida o pensamento não teme mais a morte.

Nessa concepção, a filosofia só conseguiu se firmar e ser o que é, no que diz respeito a sisudez discursiva, porque abandonou a imagem e as lembranças míticas que ela carrega. Para estes a “[...] metáfora está para o conceito assim como o inefável está para a “palavra”, ela quebra o andamento demonstrativo e rompe a homogeneidade da representação conceitual” (COSSUTTA, 2001, p. 100). Frédéric Cossutta, no entanto, chama a nossa atenção para o seguinte fato: mesmo aqueles que desqualificam o uso das metáforas, na filosofia, acabam (sem perceber?) recorrendo ao seu uso para justificar o seu posicionamento contra a metáfora. Em um trecho da obra de Hegel é possível observarmos esse uso ambíguo:

Querer pensar sem palavras, como Mesmer uma vez tentou, aparece como uma desrazão, que tinha levado esse homem, segundo afirmação sua, quase à mania delirante. Mas é também risível ver, no fato de estar o pensamento ligado à palavra, uma deficiência do primeiro e uma desgraça; pois, embora se pense que o inexprimível seja justamente o mais excelente, essa

suposição, nutrida pela vaidade, não tem o mínimo fundamento; porque o *inexprimível*, na verdade, é somente algo turvo, fermentante, que só ganha clareza quando consegue chegar à palavra. A palavra, portanto, dá ao pensamento seu mais digno e mais verdadeiro ser-aí (HEGEL, 1995, §, 462, p. 255-56, grifo do autor).

Comentando o trecho acima, Cossutta deixa entrever o quanto alguns termos utilizados por Hegel reforçam o uso da metáfora, apesar dele querer negá-la:

Não podemos, no entanto deixar de nos espantar, ao ler o texto acima [de Hegel], com a presença metafórica do “obscuro”, do “elevado” e do “baixo”, do “puro” oposto à “fermentação”, como se reencontrássemos os pares de opostos próprios à linguagem mítica no seio de um pensamento que se distingue dela (COSSUTTA, 2001, p. 100).

Arrancar totalmente essa presença da metáfora, mesmo com todo o avanço linguístico ou no interior do discurso filosófico é praticamente impossível. A razão é simples: o espírito humano não se contenta com o pensamento puro. Isso faz com que Cossutta (2001) chegue à seguinte conclusão:

Jamais haveria, portanto, ‘grau zero’ de metaforização, porque a língua comporta uma parte de imagens ‘imersas’. Do mesmo modo, o discurso filosófico integra metáforas ‘gastas’ que mal se percebem enquanto tais, mas que não podem escapar à análise. [...]. Certos autores, de Aristóteles e Charles Bally, explicam essa impossibilidade do pensamento ‘puro’ por uma deficiência no espírito humano (COSSUTTA, 2001, p. 101, grifos do autor).

Tudo leva a crer que entre a imagem metafórica e o conceito filosófico há uma relação intrínseca. Uma caracterização do pensamento que visa excluir as metáforas, como a proposta por Frege, torna-se vazia: “Frege [que] define o pensamento como o significado de uma frase completa, onde não cabe à imagem como participante na formação do conceito” (CARDOSO, 2016, p. 10). A metáfora não visa “corrigir” ou “ampliar” um conceito, sua função pode ser descrita assim: “[...] é, pois, uma racionalidade imaginativa, um meio de criar novas ordens de compreensão do fenômeno investigado, sentidos novos, similares, além de definir uma nova realidade” (LIMA, 2011, p. 194). Na filosofia, “[...] a metáfora [seria] como uma solução na deficiência e inflexibilidade da gramática, isto é, auxilia a clareza do que se quer dizer. Outros autores [...] também defendem, além da

clareza, a metáfora como um instrumento cognitivo e, assim, esta enriquece a filosofia” (CARDOSO, 2016, p. 10). Isso não quer dizer que toda metáfora é válida indiscriminadamente na filosofia. “Analogias, comparações, alegorias, mitos, imagens, [...] o recurso metafórico está profundamente engajado na elaboração filosófica, [...] também nos que restringem o seu uso” (COSSUTTA, 2001, p. 103) já que “[...] no século XX, primeiramente na filosofia [...] a própria metáfora, [...] passou a ser vista como figura de pensamento não apenas de linguagem” (LIMA, 2011, p. 194).

O modo como as metáforas ocorrem nos textos de filosofia podem ser de três formas: *metáforas latentes*, *metáforas gastas* e *metáforas fortemente marcadas*. As metáforas latentes são àquelas constitutivas à própria língua, conforme discutimos no tópico anterior, uma vez que a língua, originariamente, carrega em si o germe da metáfora, e a “[...] língua no uso mais abstrato que dela se possa fazer em filosofia, utiliza suportes concretos e figurados para designar ideias gerais” (COSSUTTA, 2001, p. 105). Desse modo, a língua já trás consigo “designações metafóricas latentes”. Quando estudamos a etimologia das palavras percebemos, claramente, a presença das metáforas, das imagens latentes constitutivas de nossa língua e das quais não podemos fugir. A metáfora latente é mais comum em filosofias que constroem suas categorias o mais próximo possível da língua vernácula, abrangendo toda a sua profundidade etimológica e/ou genealógica. Mas pelo fato de que nenhuma filosofia se estrutura, exclusivamente, na língua vernácula, depreendemos daí que a filosofia se utiliza das metáforas gastas para demarcar o seu percurso.

As metáforas gastas estão presentes em nossa língua de forma inconsciente, despercebidas. Ao perpetuarmos essas metáforas arrastando-as ao longo do tempo acabamos deixando para trás os seus sentidos originários, mas insistimos em torná-las presentes de outro modo. Nesse sentido, essas metáforas permanecem adormecidas quando a filosofia se distancia do seu sentido original, no entanto, se apropria das mesmas para elaborar novas categorias ou categorias com outros sentidos. Por isso as metáforas acabam atravessando a história, mesmo quando são enfraquecidas e até mesmo desvalorizadas. Elas supõem a presença de uma espécie de arquivo ‘inconsciente’ (cf. COSSUTTA, 2001, p. 106), perpetuando, assim, metáforas esquecidas nos discursos chamadas de metáforas gastas, “[...] cujo emprego não visa a um efeito específico, mas que

pode produzir um efeito residual que supõe uma dimensão intertextual” (COSSUTTA, 2001, p. 106, grifos do autor). Esses dois tipos de metáforas na filosofia (as latentes e as gastas) são consideradas metáforas neutralizadas, diferentemente das metáforas fortemente marcadas.

Quando as metáforas são fortemente marcadas na filosofia consideramos que duas dimensões são importantes para compreendermos o seu emprego: a extensão e a densidade. A densidade diz respeito ao lugar ocupado pela metáfora em um determinado fragmento do texto filosófico. Por exemplo, ela pode ser pontual: “[...] limitada a um termo, frequentemente um adjetivo, e bem localizada” (COSSUTTA, 2001, p. 108). Nesse pormenor a metáfora é enquadrada, ou seja, “[...] não tem autonomia em relação ao texto. Cabe ao leitor operar a transposição” (COSSUTTA, 2001, p. 108). As metáforas podem ser também irradiadas no texto, ou seja, “[...] consiste numa junção de elementos metafóricos coordenados entre si com uma série de termos embreantes” (COSSUTTA, 2001, p. 108). Por fim, a metáfora no texto pode ser intrincada, quando “[...] o texto estabelece um vaivém entre os dois registros [...] essa expansão pode contaminar um trecho inteiro ou constituir uma sequência autônoma muito longa, utilizando então um suporte narrativo como no mito” (COSSUTTA, 2001, p. 108, grifos do autor). Quanto à densidade das metáforas utilizadas na filosofia, elas dizem respeito à importância qualitativa, mas para isso seria necessário uma análise dessas metáforas em cada um dos textos filosóficos em que elas aparecem. A análise das metáforas requer a análise dos conteúdos: “[...] sem a análise dos ‘conteúdos’ é impossível compreender o vínculo entre as imagens nem suas relações com os processos de análise ou de argumentação” (COSSUTTA, 2001, p. 109). Como regra geral, o próprio texto ditará as regras do emprego ou estatuto das metáforas empregadas pelo autor, observando a necessidade dos conceitos e daquilo que ele quer transmitir.

## CONCLUSÃO

Procuramos destacar neste texto que o distanciamento entre a filosofia e a poesia foi ocorrendo concomitantemente ao desenvolvimento da linguagem, à medida que essa última se desenvolvia, iluminando e destacando tudo o que havia no mundo, os sentidos iam se tornando cada vez mais restritos aos mistérios do submundo. Portanto, quando

Platão expulsou os poetas da sua cidade, no livro *A república*, o distanciamento entre essas duas esferas da criação humana já estava ocorrendo de forma gradativa. A luz da linguagem foi dando à filosofia as asas necessárias para se libertar do particular e ganhar a universalidade. Conforme demonstra a história, houve períodos na filosofia, a exemplo da escolástica medieval ou do romantismo, em que poesia e filosofia estiveram bem próximas uma da outra. Essa aproximação, no entanto, nunca significou uma fusão. Para María Zambrano essa fusão nunca ocorreu, pois, bem no início, a filosofia rompeu com o mistério, quando se tornou uma área do saber com critérios e métodos próprios. Portanto, essa união intrínseca, do ponto de vista da linguagem, é impossível acontecer novamente, uma vez que a linguagem tente cada vez mais a se tornar artificial. Por outro lado, procuramos destacar, também, que a filosofia nunca foi totalmente indiferente à poesia, isso porque ainda precisamos dos sinais sensíveis para expressar muito do que pensamos, principalmente quando queremos tocar o outro. Não tocamos o outro com conceitos, mas com imagens, com as metáforas. A filosofia precisa da metáfora quando quer falar daquilo que o conceito não é capaz de igualar, e por essa razão compreendemos hoje a metáfora não como uma figura de linguagem, mas como a figura do próprio pensamento. Portanto, defendemos que a metáfora é elo primitivo que liga a filosofia à poesia e que enquanto existir dimensões obscuras do humano a metáfora sempre estará presente na filosofia.

## REFERÊNCIAS

**CARDOSO**, Marco Antônio. **O papel da metáfora no discurso filosófico.**

Dissertação (Mestrado em filosofia). Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2016, 101f.

**COSSUTTA**, Frédéric. Função das metáforas nos textos filosóficos. In: \_\_\_\_\_.

**Elementos para a leitura dos textos filosóficos.** 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 99-139.

**HEGEL**, G. W. Friedrich. **Enciclopédia das ciências filosóficas:** em compêndio: 1830. São Paulo: Loyola, 1995 (III: A filosofia do espírito).

**HEIDEGGER, Martin. Introdução à metafísica.** 4 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.

\_\_\_\_\_. **Nietzsche.** 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

**LIMA, Analwik Tatielle Pereira de.** Bem-vindas metáforas. **Revista Educação em Questão**, Natal, nº 27, v. 41, jul./dez., 2001, p. 192-218.

**MÜLLER-LAUTER. Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia.** São Paulo: Unifesp, 2011.

**NIETZSCHE, Friedrich. Crepúsculo dos ídolos, ou, como se filosofa com o martelo.** São Paulo: Companhia das letras, 2006.

\_\_\_\_\_. **Crepúsculo de los ídolos e como se filosofa con el martillo.** Madrid; Alianza Editorial, 2007.

**NUNES, Benedito.** Poesia e filosofia. In: \_\_\_\_\_. **Hermenêutica e poesia: o pensamento poético.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999, p. 13-22.

**PASCAL, Blaise. Conversa com o Senhor de Sacy sobre Epicteto e Montaigne e outros escritos.** São Paulo: Alameda, 2014.

**ROUSSEAU, Jean-Jacques. Ensaio sobre a origem das línguas.** 3 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

**ZAMBRANO, María. A metáfora do coração e outros escritos.** 2 ed. Lisboa: Assírio & Alvin, 2000.